

Escavidão, cor e raízes sociais no Recôncavo da Guanabara

Moisés Peixoto Soares*

BEZERRA, Nielson Rosa. *A cor da Baixada: Escavidão e Pós-Abolição no Recôncavo da Guanabara*. Duque de Caxias, RJ: APPH-Clio, 2012.

O Recôncavo da Guanabara tem chamado a atenção de pesquisadores para as relações estabelecidas entre escravos, egressos do cativeiro e homens livres, nas Freguesias/Vilas, situadas no seu entorno. Esses estudos têm rompido a barreira local, e colocado a região em uma perspectiva de análise mais ampla. O livro *A cor da Baixada*, está inserido neste contexto. O tema, por si, já possui um tom provocativo e problemático, ao abordar a origem híbrida da tez dos habitantes da região.

Podemos dividir o livro em duas partes: Na primeira o autor insere a Região no contexto do tráfico de escravos para melhor explicar os impactos do mesmo nas relações que eram tecidas nessas freguesias. Principalmente através do trabalho, da família e da afetividade, pois estas ajudaram a forjar um legado para a região. Na segunda parte, Bezerra refuta a ideia do esvaziamento da Baixada Fluminense no pós-abolição, e busca em uma documentação variada a permanência desses egressos do cativeiro no Recôncavo pós-abolição. Com um enredo envolvente, ele volta ao período colonial/imperial, e explica as heranças que perpassaram gerações e permanecem até nossos dias, legando uma cor à Baixada Fluminense.

Bezerra direciona a lente reduzida na perspectiva da microanálise, para as freguesias do Recôncavo da Guanabara, e observa as nuances e conexões que uma história mais totalizante deixaria passar despercebidas. As freguesias do Recôncavo da Guanabara, em boa parte do período escravista, em um cômputo geral tinham aproximadamente 50% de presença de africanos da Costa Centro Ocidental (Angola e

* Mestrando em História UFRRJ. Agradeço a generosidade do Professor Dr. Nielson Rosa Bezerra.

Benguela), e nessas freguesias, era perceptível a herança bantu, fato que contribui para entender as características da região no pós-abolição.

O livro *A cor da Baixada* também lança luz a um grupo de africanos produzido pelo tráfico, antes ignorados, mas a que nos últimos anos a historiografia tem concedido espaço, os africanos livres. No mundo “moderno”, houve aproximadamente 110 mil africanos livres, 10% desse total vieram para o Brasil. Apesar de serem livres, ficavam tutelados por 14 anos pelo Estado. Alguns desses africanos livres foram encontrados por Bezerra, trabalhando nas cercanias da Guanabara, na fábrica de pólvora da Vila de Estrela e na construção da Estrada Normal desta mesma vila, que, atualmente, compreende uma parte do Município de Duque de Caxias. Esses africanos tinham suas vidas marcadas pela dubiedade: apesar de livres, não se distinguiram muito dos escravos no âmbito do trabalho local. Então, gozaram dessa “liberdade”, e permaneceram no Recôncavo da Guanabara, constituindo família, e contribuindo para o legado de cor da região.

Por seu turno, esse processo de permanência de egressos do cativo na região no pós-abolição foi chamado pelo autor de “Enraizamento Social”. Bezerra salienta que a quase inexistência de mães africanas levando os filhos para o batismo na freguesia do Pilar não significava ausência de egressos do cativo no local. Até porque as avós africanas, de gerações anteriores a 1850, estavam presentes nos sacramentos, sinal que essas mulheres permaneceram no Recôncavo da Guanabara, junto com suas famílias, pois tinham raízes no local.

Ainda sobre o Pilar, mas agora com a perspectiva de Meriti (o local foi o oitavo Distrito de Nova Iguaçu com o advento da República. Antes fazia parte da Freguesia do Pilar, seu território compreende o que hoje representa uma parte de Duque de Caxias), o autor discorda do suposto esvaziamento da região. Para isso, ele utiliza os livros de batismo do Pilar nos derradeiros anos da escravidão e do pós-abolição e o livro da Capela de Nossa Senhora do Rosário da Fazenda do São Bento em 1914. Em ambos, encontra escravos e egressos do cativo batizando seus filhos, e famílias com pelo menos três gerações no local, e alguns homens até mesmo com sobrenomes dos seus senhores, verdadeiros “Enraizados no Local”.

Amiúde, o processo de “Enraizamento Social”, mencionado no livro *A cor da Baixada*, passava pela posse da terra, a relação entre os padrinhos, a vivência no local,

o processo geracional e o campesinato pós-abolicionista. Além disso, o autor utilizou os periódicos do Jornal do Comércio para mostrar que no pós-abolição a Baixada Fluminense continuou exportando farinha de mandioca e sendo uma região agrícola, comandada e trabalhada por egressos do cativo e seus descendentes diretos, pessoas “Enraizadas no Local”.

O silêncio da população de cor nas fontes da Baixada Fluminense no pós-abolição também foi explicado pelo autor, através da Escola Regional de Meriti, fundada em 1921. Bezerra lança um novo olhar sobre a instituição, e identifica, através de fichas administrativas, relatórios e fotografias, “Enraizados Sociais de cor”, com seus filhos estudando na mesma, inclusive questionando algumas práticas da escola que os remetia ao período escravista como: limpar o ambiente escolar, realizar estudos de artesanato dia de sábado, além de não poder levar a cartilha para casa, o que podia representar para esses enraizados a posse e oportunidade de mobilidade social através da leitura.

Em suma, ao longo da obra, Bezerra preconiza como o espaço do Recôncavo da Guanabara foi sendo forjado, através de uma simbiose entre, tráfico de escravos, trabalho e cor da população. E, então, define que a Baixada tem a cor da diversidade, e que a história da região, desde os primeiros habitantes, foi construída por pessoas que marcaram seus espaços, negociando, tramando, utilizando leis a seu favor e construindo laços familiares e afetivos com a terra. Por oportunidade, ou falta dela, permaneceram na região após a Lei Áurea, apesar da tentativa do censo oficial de eclipsar essas pessoas, inclusive silenciando a cor. O livro *A cor da Baixada* joga luz sobre o assunto e denuncia que as pessoas de cor se mantiveram na região, devido as suas raízes sociais. Por isso, até nossos dias, percebemos que a Baixada Fluminense tem a cor da diversidade.